

O presente trabalho resulta da minha participação, como bolsista CNPq, no projeto: “*Medicina e Missão na América meridional: Epidemias, saberes e práticas de cura (séculos XVII e XVIII)*”. Em várias das reduções jesuíticas guaranis, foram instalados herbários e boticas, que, por apresentarem um amplo acervo de plantas medicinais, causaram a admiração de naturalistas e historiadores. A partir da rigorosa observação e de experiências feitas com as plantas medicinais, foram sendo elaborados catálogos e receituários, nos quais constava, uma série de informações acerca das plantas curativas. Dentre os objetivos do projeto estão os de identificar as plantas medicinais que teriam sido empregadas, tanto pelos indígenas, quanto pelos missionários, a partir do mapeamento das regiões fitogeográficas em que as reduções jesuíticas se estabeleceram e do cotejo destas informações com as descrições e ilustrações encontradas nos catálogos de botânica e nos tratados de medicina escritos por jesuítas; bem como o de verificar as propriedades terapêuticas a elas atribuídas, confrontando com a literatura atual. Tendo em vista a recorrente menção a acidentes com animais venenosos, como serpentes, escorpiões e aranhas tanto nas Cartas Anuais, quanto em outros documentos redigidos por jesuítas, neste trabalho, apresento um levantamento das plantas medicinais que teriam sido muito provavelmente utilizadas pelos indígenas e jesuítas instalados nas reduções para combater os efeitos das toxinas. Para a identificação das plantas que teriam sido utilizadas, consultei a obra *Matéria Médica Misioneira*, escrita em 1710, pelo Irmão Pedro de Montenegro, na qual são abordadas as virtudes medicinais de uma série de plantas, além de conter descrições e ilustrações das mesmas. Vali-me também de obras atuais de botânica, etnobotânica e farmacologia, dos seguintes autores BERTONI (2008), CORRÊA (1984), MATOS (2008), MENTZ (1997), NOELLI (1998), RICCIARDI (1996), SANTAMARÍA (2003), VENDRUSCOLO (2005) e VILAR (2005). As recorrentes menções a estes animais podem ser atribuídas tanto ao ambiente natural em que as reduções se estabeleceram, quanto a desordens climáticas, tais como secas ou enchentes, que podem ter favorecido a sua proliferação. Apesar de Montenegro referir plantas para uso específico em acidentes com animais peçonhentos, as ilustrações e as descrições botânicas que faz das plantas, tornaram a identificação em nível de espécie muito difícil e, às vezes, até impossível, por se tratarem, em sua maioria, de plantas herbáceas, de complicada distinção. Das dez plantas que localizamos até o momento, foi possível inferir a espécie de apenas quatro. Uma das que o irmão jesuíta menciona é a “*taropé*”, popularmente conhecida como figueirilha, pertencente, provavelmente, à espécie *Dorstenia brasiliensis* Lam., e que, em trabalhos atuais, é referida com propriedades antiofídicas, diaforéticas e antifebris. É certo que indígenas e jesuítas utilizaram uma série de plantas nativas, no tratamento de pessoas inoculadas com peçonhas, contudo, na atualidade, poucas delas são validadas e indicadas, diretamente, como antiofídicas. Porém, em virtude de terem propriedades diaforéticas, diuréticas, analgésicas e anestésicas, poderiam ter sido empregadas na época, no tratamento de envenenamentos com animais.